

Artigos de opinião de José Simão: metalinguagem e estilo

Clecio Bunzen*
Universidade Federal de Pernambuco
CNPq

Resumo: O objetivo deste trabalho é estudar os comentários metadiscursivos explícitos e implícitos e os efeitos de sentido produzidos, ao correlacioná-los com o estilo do sujeito enunciador e com o gênero discursivo. Desta forma, escolhemos, dentre os gêneros discursivos encontrados na imprensa, o artigo de opinião, uma vez que nesse se observa uma maior presença do sujeito enunciador através das marcas de subjetividade e tomada de posição em relação aos fatos comentados. Com base nos estudos de Borillo, Cunha, François e Possenti, observamos os elementos que permitem ao leitor apreender o que um texto revela sobre ele mesmo e sobre o sujeito enunciador.

Este trabalho faz parte do projeto *A Metaenunciação na Atividade discursiva falada e escrita* cujo objetivo é analisar os comentários metadiscursivos (doravante, CMs) em diversos gêneros textuais e os efeitos de sentido por eles produzidos. Nesta pesquisa, estamos tomando o conceito de gênero textual proposto por Marcuschi (2000:5): *uma forma lingüísticamente realizada e encontrada nos diversos textos empíricos. Isto se expressa em designações diversas, tais como: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula, notícia jornalística, horóscopo, receita de comida, bula de remédio, instruções de uso, outdoor, etc.* Partindo dessa definição de gênero, escolhemos como objeto de estudo, entre os diversos gêneros da imprensa, o *artigo de opinião*.

As classificações dos textos jornalísticos podem ser feitas também através das nomenclaturas utilizadas pelos próprios jornais. Segundo Bahia (1991), podemos obter três grandes linhas para uma categorização : a informação, a informação ampliada e a *opinião*.

Diferentemente dos textos de informação, considerados *neutros*, pelos manuais de estilo dos principais meios de comunicação do país (c.f. Melo, 2000), e cujas marcas de autoria, posicionamentos políticos, ou de qualquer forma de subjetividade *procuram ser apagadas* pelo jornalista, os artigos de opinião são considerados um gênero opinativo em que as marcas de subjetividade estão presentes e os jornalistas tomam posição em relação aos fatos comentados.

Nosso objetivo, neste artigo, é analisar a metalinguagem explícita e implícita, correlacionando-a com o estilo veiculado nos artigos de opinião de José Simão (conhecido como Macaco Simão).¹ Serviram de base teórica para analisar os CMs, os estudos de Borillo (1985),

* Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. Este trabalho está vinculado ao *Projeto Integrado Fala e Escrita: Características e Usos III*, mas especificamente no sub-projeto *A metaenunciação na atividade discursiva falada e escrita*, sob a orientação da profa. Dra. Dóris de Arruda C. da Cunha (UFPE).

¹ Em trabalhos anteriores, observamos a metalinguagem nos artigos de opinião de Elio Gaspari. (cf. Bunzen, 2001).

Cunha (1998,1999, 2000), François (1993), Maingueneau (1987), e para a noção de estilo, Possenti (1993), Salazar-Orvig (1999).

1. Metalinguagem² explícita e implícita

O metadiscorso se apresenta como um jogo com o discurso
Maingueneau

Como afirmou Borillo (1985), é difícil definir o metadiscorso. Segundo Maingueneau (1987:94), essa dificuldade deve-se ao fato de haver uma grande oscilação entre uma definição estreita, próxima da metalinguagem dos lógicos, e uma definição ampla que tende a dissolver o metadiscorso no discurso, por pouco que se concorde com Ducrot quando este afirma que *a partir do momento em que falamos, falamos de nossa fala*

Aliada a essa dificuldade de definição, há também uma dificuldade de classificação, pois encontramos uma diversidade de estruturas lingüísticas, que funcionam como CMs, com várias finalidades: construir uma imagem do locutor, marcar uma inadequação dos termos, autocorrigir-se, solicitar permissão para empregar certos termos, corrigir antecipadamente um possível erro e interpretação (Maingueneau, 1987); comentar sobre o discurso do outro, comentar o próprio dizer se fazendo, comentários relativos ao processo de nomear (Cunha, 1999); entre outras tantas funções.

Podemos dizer com Maingueneau (1987:94) que nenhuma classificação sobre este assunto é satisfatória; *uma classificação sintética permanece muito abstrata e pouco utilizável, enquanto uma classificação detalhada se desdobra ao infinito*. Entretanto, nosso ponto de partida é a classificação proposta por Borillo (1985), uma vez que a autora trabalha no nível da palavra, do texto e do discurso, ou seja, trabalha com os CMs *que se referem ao código para explicitar o sentido de um termo, deixá-lo mais claro ou para refletir sobre a escolha lexical; os que fazem referência ao discurso no processo de construção e os que se referem à situação de comunicação*. Tomaremos por base, portanto, os estudos que concebem a metalinguagem no nível do discurso (Borillo, 1985; Cunha, 2000; Gülich, 1994; Gaulmyn, 1987; Morel, 1985; Authier-Revuz,1998) e de forma integrada à linguagem, o que significa observar o contexto e a relação entre os interlocutores.

Há ainda um outro nível da atividade meta, que não está mais no plano da língua enquanto sistema: o da metalinguagem implícita, que segundo François (1996 apud Cunha 1999), é tudo o que faz com que um discurso funcione como comentário de si.

Na fala, a metalinguagem implícita se manifesta no encadeamento entre os enunciados: *repetir o enunciado do interlocutor significa o mais das vezes alguma coisa como ‘ você disse isso mesmo?’ ou ‘o que é que isso quer dizer?’* (Cunha, 2000). Além disso, François acrescenta o corpo, entre os elementos metadiscursivos implícitos. Para o autor, o corpo, nas interações face a face, *diz alguma coisa sobre as suas próprias mensagens* (1996:74). Na escrita, as aspas, os itálicos, a utilização de letras maiúsculas, o negrito acrescentam efeitos de sentidos à linguagem, ao mesmo tempo que comentam, destacam ou se distanciam das palavras do outro. A própria

² Encontra-se atualmente nos trabalhos dedicados ao estudo da atividade meta uma grande diversidade terminológica: metalingüístico (em Jakobson, Rey-Debove); metadiscorso (em Borillo, Jubran e Risso), metacomunicação (em Gaulmyn, Watzlawick), metalinguagem (François); metaenunciação (Authier-Revuz, Possenti, Cunha). Neste trabalho, adotamos os termos metalinguagem e metadiscorso por serem os mais amplos e englobarem os outros.

estrutura visual, a diagramação, o título e o veículo facilitam a compreensão e contribuem para a caracterização do gênero discursivo.

2. Discurso, sujeito e estilo

O estilo não é (...) nem o particular puro, nem o universal, mas o particular em instância de universalização e o universal que se despe para remeter a uma liberdade singular
Goethe

Outras noções importantes, para o desenvolvimento deste trabalho, são as de *discurso, sujeito e estilo*. Entretanto, vale ressaltar que tais conceitos apresentam definições divergentes nas diversas teorias lingüísticas³.

Trabalharemos, neste artigo, conforme propõe Cunha (2000:2), com uma abordagem semiológica e discursiva, pois consideramos os discursos como acontecimentos, *produzidos em uma enunciação dialógica única, singular, como respostas de locutores confrontados a necessidades de comunicações específicas. São acontecimentos uma vez que constituem lugares de criação de sentido*. O discurso *é uma máquina de produzir sentidos* (Possenti, 1993:114) e é justamente enquanto produtor de sentido que ele deve interessar às análises lingüísticas.

A definição de sujeito é essencial para nossa análise, pois os estudos da metalinguagem realizados pelos seguidores da Pragmática ou da Análise do Discurso Francesa tratam a relação dos comentários meta com o sujeito de forma diferente. *Para a pragmática, o sujeito faz esses comentários relativamente a seu próprio discurso para tornar sua relação com o interlocutor mais bem sucedida, para evitar mal-entendidos; para a AD, o sujeito faz tais comentários por estar em uma posição que o obriga a impedir que um discurso se confunda com outro; o sujeito não faz porque quer ou porque sabe, faz o que faz premido por determinações externas* (Possenti, 2000).

A concepção de sujeito proposta, em nossa análise, não o tratará com pleno controle sobre o seu discurso como nas teorias pragmáticas, nem totalmente assujeitado, como para alguns analistas do discurso de linha francesa. Adotaremos a concepção dialógica do funcionamento da linguagem que concebe o sujeito numa dupla tensão, a dimensão social e a da dimensão individual, por um lado, e a dos dialogismos, por outro lado (Salavar-Orvig, 1999:27). Deste modo, o sujeito nem é livre, nem é assujeitado.

Quanto à noção de estilo, adotamos a proposta por Salavar-Orvig (1999) e Possenti (1993), ou seja, o termo *estilo* está sendo utilizado como relação do sujeito com a língua, com o material lingüístico e símbolo de expressividade. Isto permite, segundo Salazar-Orvig (1999), que se evoque diferentes facetas de uma enunciação, ou seja, a versão expressiva, a versão de utilização de língua, a versão do trabalho discursivo sem referir-se necessariamente a um sujeito todo poderoso. É interessante frisar que o termo estilo é fortemente polissêmico e é tradicionalmente utilizado nos estudos literários. No entanto, o estudo do estilo pode se dar em textos literários ou não, como também, na modalidade falada (Salazar-Orvig, 1999) ou escrita (Melo, 2000).

Para Possenti (1993), sempre há estilo, não sendo este decorrente do desvio (Spitzer, Bally), nem da linguagem figurada (Bally), nem da língua emotiva (Bally e Câmara Jr.), nem

³ É impossível desenvolver aqui uma exposição das teorias e das diversas definições de discurso, sujeito e estilo. Apresentaremos apenas o nosso posicionamento teórico

mesmo por força do contexto social (Labov)⁴. O estilo será visto aqui como resultado do trabalho dos seus construtores/usuários. Com defende o autor, *o estilo resulta de uma escolha como resultado do trabalho de representar um fenômeno preferencialmente de uma certa maneira e para produzir efeitos em relação a outros possíveis* (1993:167).

Como podemos perceber, a singularidade de um discurso não consiste unicamente na variação que ele realiza em relação às normas de uso, mas no fato de constituir um evento enunciativo. Por isso, *não falaremos de estilo somente quando as palavras se situarem em ruptura. Falaremos de estilo também para dar conta das características de uma enunciação particular, sejam essas palavras banais ou inesperadas* (Salazar-Orvig, 1999:36).

Forma e conteúdo são fundamentais para estudar o estilo, apesar de percebermos que, nos estudos estilísticos ao longo do tempo, a forma apareceu sempre como a protagonista, enquanto o conteúdo foi relegado para segundo plano. Segundo Bakhtin (1990 :37) *não há forma pura: o conteúdo e a forma se interpenetram, são inseparáveis*. Como podemos perceber, forma e conteúdo são indissociáveis. *Nenhum dos dois exerce sobre o outro uma determinação, de modo hierárquico, nem mesmo há a preexistência de algum*, como comenta Melo (2000 :54). Assim, analisaremos o estilo através do *jogo* entre forma e sentido, ou seja, observaremos os efeitos de sentido pretendidos pelo jornalista.

Seguimos Salazar-Orvig (1999 :39), ao descartar o estilo como *uma via de acesso direta ao psiquismo, à personalidade do locutor*. O estilo passa a ser visto como *efeitos da construção discursiva sobre os intérpretes que somos, das imagens projetadas dos objetos do mundo e do sujeito, enquanto 'ser no mundo' e enquanto 'locutor/enunciador'*.

3. O gênero artigo de opinião

O gênero textual *artigo de opinião* pertence ao domínio discursivo jornalístico e busca *convencer o outro de uma determinada idéia, influenciá-lo, transformar os seus valores por meio de um processo de argumentação a favor de uma determinada posição assumida pelo produtor e de refutação de possíveis opiniões divergentes. É um processo que prevê uma operação constante de sustentação das afirmações realizadas, por meio da apresentação de dados consistentes, que possam convencer o interlocutor* (Bräckling, 2000:226).

Veiculado nas principais revistas e jornais do país e escrito por um jornalista ou por colaborador desses meios de comunicação, os artigos de opinião oferecem uma interação entre discursos, uma vez que dialogam com diversos posicionamentos e vozes para argumentar sobre um dado tema, comentando sempre algo já dito (cf. Cunha 2002).

Além desses elementos discursivos, podemos apontar algumas marcas lingüísticas desse gênero, como nos informa Bräckling (2000): a organização do discurso quase sempre em terceira pessoa; o uso do presente do indicativo- ou do subjuntivo- na apresentação da questão, dos argumentos e contra-argumentos; a possibilidade de uso do pretérito em uma explicação ou apresentação de dados; a presença de citações de palavras alheias; a articulação coesiva por operadores argumentativos. Entretanto, neste trabalho, o que nos interessa são os comentários metadiscursivos explícitos e implícitos.

4. Tratamento Metodológico: constituição e tratamento do corpus

⁴ Sobre as diversas abordagens e suas definições de estilo ver Possenti (1993) ou Melo (2000). Ambos os autores fazem críticas bastante pertinentes às diversas classificações de estilo.

Para observar os CMs como marcas do estilo do autor, escolhemos os artigos de opinião do jornalista José Simão, que escreve para o Jornal do Commercio (JC), do estado de Pernambuco, e para outros jornais em circulação no Brasil. Neste trabalho, foram analisados 20 artigos, publicados entre 1999 e 2001, coletados no site da Internet: *www.jc.com.br*.⁵

É importante frisar que o tratamento dos dados foi preferencialmente qualitativo, por isso não estabelecemos limites de artigos ou contagens de número de palavras. O aspecto qualitativo terá o objetivo de descrever e interpretar diversos efeitos de sentido produzidos pelos enunciados metadiscursivos explícitos e implícitos. Isso significa identificar, classificar e descrever esses enunciados e o que o sujeito enunciatador faz com esses comentários.

5. Metalinguagem e estilo nos artigos de José Simão

Nos artigos de opinião analisados, aparecem diferentes CMs contribuindo para a construção de sentido dos discursos, e, ao mesmo tempo, revelando o estilo dessa enunciação particular. Com base nas noções de metalinguagem e estilo descritas anteriormente, descreveremos aqui brevemente os exemplos mais representativos, sem nos limitar à classificação de um único autor sobre os comentários meta. Para uma melhor observação dos CMs dividimos nossa análise em duas partes: primeiramente, os CMs explícitos, e em seguida, os implícitos.

5.1 Metalinguagem explícita

Nos artigos de José Simão, conhecido como Macaco Simão, encontramos CMs que interrompem o discurso para deixá-lo mais claro, ou corrigir algo. Entretanto, esse tipo de comentário é utilizado de forma irônica, pois o jornalista *joga* com o efeito de sentido das palavras ou com os discursos proferidos na imprensa como verdadeiros por políticos ou por grandes empresas. Essa *correção* contribui para a argumentação do jornalista, pois através desse comentário meta percebemos qual é o ponto de vista defendido por ele. Vejamos dois exemplos:

Exemplo 1:

Artigo: *O Pleito Caído! A volta da Galera Medonha!*

JC 27/08/2000

Buamba! Buamba! Macaco Simão Urgente! O braço armado da gandaia nacional! Socorro! Todos para o abrigo! Salve-se quem puder! Os malas invadiram as telas. O ultrágico político! A volta da Galera Medonha! O Pleito Caído. Aliás, caído não, desabado. Silicone no Pleito! Esse horário eleitoral tá como aquela bicha da piada do Costinha: chata, desanimada e magérrima. E um leitor me disse que, pro Lulalélé ficar mais bonito, ele devia pedir emprestado as sobrancelhas do Brizola! Aliás, tá escrito na porta da rodoviária de Osório, Rio Grande do Sul: Jesus voltará!. E aí escreveram em baixo: Brizola já voltou!. Pra provar que comunista não come criança, come Garotinho! (...)

Neste artigo, o jornalista utiliza a expressão *Pleito Caído* para criticar as últimas decisões tomadas em um pleito para decidir o horário do guia eleitoral das eleições para governador dos estados em 2000. Ao utilizar a palavra pleito com o sentido de peito, cria uma ambigüidade. Nesse caso, interrompe o discurso para comentar que o pleito não está caído, mas desabado, ou

⁵ Por ter sido coletado na Internet, os textos não poderão ser citados seguindo a paginação do jornal impresso, apenas a data.

seja, retifica o dito : *não digo X, mas Y*. Outro comentário desse tipo pode ser visto no próximo exemplo. Nele, José Simão interrompe o seu discurso para pedir desculpas ao leitor pelo que havia dito.

Exemplo 2:

Artigo: *Buamba! Tô No Limite do cartão!*

JC 06/08/2000

(...)E aquela mulher gorda de 54 anos subindo dunas e mais dunas? Um leitor quer saber se fizeram exame médico nela como fazem no programa dos Estados Unidos. Porque esse No Limite é cópia do Survivors. Aliás, desculpe, como o mundo copia a Globo. Rarará!

E sobreviver numa praia no Ceará é moleza. Quero ver alguém atravessar São Paulo num carro e com um Rolex no pulso. Dou de lambuja três semáforos. E sobreviver numa praia no Ceará é moleza. Quero ver passar o fim-de-semana no verão em Caraguatatuba: engarrafamento de sete horas pra descer a serra, falta d'água, queda de barreira, fila pro pão, fila pro leite, fila pro telefone e o celular não pega. Isso é que é No Limite! (...)

Este artigo critica o programa exibido pela Rede Globo *No Limite*. Para Simão, o brasileiro já vive no limite do cartão, no limite do cheque especial, no limite de um ataque de nervos(...). Partindo desse pressuposto, ele critica um programa que paga milhões para participantes subirem dunas e dunas numa praia. *Quero ver alguém atravessar São Paulo num carro e com um Rolex no pulso*, argumenta o jornalista para justificar que os brasileiros com todos os seus problemas, sociais, financeiros, políticos, etc. já vivem *no limite*.

Além de fazer uma crítica ao tipo de programa, Simão comenta que este programa é cópia de um programa intitulado *Survivors* apresentado nos Estados Unidos. Mas como a Rede Globo possui o discurso que não imita nenhum programa de televisão e que é sempre as outras emissoras que imitam a Globo, o jornalista ironicamente pede desculpas pelo dito : *Aliás, desculpe, como o mundo copia a Globo*. Esse tipo de comentário serve para retificar o dito, mas neste caso funciona também como uma ironia, uma crítica ao discurso e a atitude da emissora. Aqui podemos perceber que os CMs são recursos utilizados pelo autor para atingir seus objetivos: criticar e ironizar as pessoas públicas, instituições, política dos governos, etc.

Nos textos analisados, encontramos também com bastante frequência comentários que visam a esclarecer determinados enunciados aos leitores. Entretanto, esse tipo de comentário é utilizado, principalmente, de forma irônica para criticar a política de Maluf, de Fernando Henrique Cardoso, entre outros.

Exemplo 3:

Artigo: *Perereca de óculos x Perereca loira*

JC 20/08/2000

(...)E não adianta o Malufrango ficar debochando da Marta só porque ela foi sexóloga, porque SÃO PAULO QUER GOZAR. Aliás, quem não quer? E diz que um gay encontrou a Erunda no aeroporto e disse: 'A senhora precisa dar um tapa no visual, botar um tailleur verde-limão, um salto, uma peruca dreadlock'. E a Erunda: 'Ô meu, você tá pensando que eu sou viado?'. Rarará!

E os slogans do Malufrango? 'Chega de drogas na escola! Maluf!.' Entendi, ninguém vai poder falar dele nas escolas. Outro: 'Prisão Perpétua! Maluf!'. Perpétua eu acho exagero, mas ele bem que podia pegar uns dez dias. Rarará.

No exemplo 3, podemos observar que o jornalista faz uma reformulação, através da glosa *entendi*, para explicar o inesperado sempre presente nos seus textos. Desse modo, ele ironicamente explica o que significa o slogan do Maluf : *chega de drogas na escola*, ou seja,

ninguém vai poder falar dele (Maluf) nas escolas. Aqui, mais uma vez, percebemos a posição política de Simão contra o ex-prefeito de São Paulo. Simão sempre utiliza esta estratégia em seus textos, para chamar a atenção do leitor para o que está sendo proferido. Vejamos um exemplo, no qual José Simão explica um discurso proferido no *Cansástico* (Fantástico, programa exibido pela rede Globo aos domingos), sobre a prisão do juiz Nicolau :

Exemplo 4:

Artigo: *Vamos trocar o nome da moeda de real pra Lalau!*

JC 13/08/2000

(...)Noticiário do Macaco Doido de Pedra. Até no Cansástico eu vi uma reunião de bruxas em Brasília pedindo a prisão do juiz Lalau: ‘Abracadabra, tomara que ele fique iluminado para que seja visto mais rápido’. Entendi, eles vão jogar aquela luz negra de discoteca no Brasil e o que brilhar é o juiz Lalau. Rarará! Aliás, vamos trocar o nome da moeda: de real pra Lalau.

Ao explicar o discurso, o articulista também comenta sobre a *dificuldade ou impossibilidade* dos poderosos de Brasília em capturar o juiz Nicolau. Os CMs também funcionam como argumentos, pois contribuem para defender o ponto de vista do jornalista. Ao analisarmos os artigos de opinião de Elio Gaspari (Bunzen, 2001), chegamos à conclusão de que, ao utilizar os CMs, Gaspari se posicionava criticamente sobre determinado assunto. Essa mesma finalidade é encontrada em José Simão.

Outro tipo de comentário bastante encontrado, nos artigos de José Simão, indica o próprio dizer se fazendo (como eu ia explicando, como eu ia dizendo) ou CMs sobre a sua maneira de proferir seu discurso (eu falo como *y*). Esses comentários também servem para argumentar, uma vez que, ao retomar o dito, ele mostra que aquele assunto já foi comentado, mas mesmo assim os problemas ainda são os mesmos. Vejamos dois exemplos:

Exemplo 5:

Artigo: *O Pleito Caído! A volta da Galera Medonha!*

JC 27/08/2000

(...)E a Marta vai pro segundo tailleur? O maior desfile de tailleurs da história política brasileira. Todos bem cortados. E coloridos. O guarda-roupa dela parece uma bandeira gay. Um arco-íris. E toda eleição eu conto a mesma história, mas é verdade: a tia de uma amiga minha aprendeu a gozar com a Marta Suplicy na TV Mulher. Ela devia trazer essa mulher pra fazer a campanha: São Paulo Quer Gozar!

Exemplo 6:

Artigo: *Os Trapagões Urgente! Vou tomar um porre de cerveja morna*

JC 07/06/2001

*Buamba! Buamba! Macaco Apagão Simão Urgente! Direto do FHNistão! E um amigo meu completou 50 anos, mas continua na base do sexo, drogas e rock and roll: um pouquinho de sexo, bastante rock no CD player e uma loucura de drogas: Anetol, Viagra e Prozac. E uma outra diz que a situação tá tão periclitante que vai passar o Dia dos Namorados em estado de coma. **COMA-ME PELO AMOR DE DEUS!** Rarará! E um outro me escreveu dizendo: ‘Tenho 37 anos, moro em Belo Horizonte, sou advogado e tenho medo de dormir com a luz do corredor apagada. O que fazer?’. Respondo como o Pitbicha: Mooooorra! Rarará. Menos um pra gastar energia!*

No exemplo 5, observamos um comentário sobre o próprio dizer se fazendo, pois o Jornalista comenta que vai contar uma história. Além disso, ele faz um comentário apreciativo sobre o seu discurso, ao dizer que a história é verdadeira. Já no segundo caso, além de comentar sobre o que irá fazer, ou seja, responder a uma pergunta, o jornalista comenta sobre o seu tom de

voz para responder a essa pergunta: *Respondo como Pitibicha*, personagem homossexual interpretado pelo humorista da Rede Globo Tom Cavalcanti .

5.2 Metalinguagem implícita

Nos artigos de opinião, podemos observar que as aspas, os itálicos, a diagramação, negritos, sublinhamentos, etc. dão ao lingüístico um caráter autonímico, ou seja, as marcas tipográficas mostram esse elemento ao leitor, *criando um distanciamento entre o escritor e as palavras que são ao mesmo tempo usadas e mencionadas* (Cunha, 1998:14). Eles acrescentam efeitos de sentido à linguagem, ao mesmo tempo que comentam, destacam ou se distanciam das palavras do outro. Isto significa analisar, como disse Arabyan (1999), *os elementos que vem ‘ ao lado’, ou ‘por cima’, ou até mesmo ‘por dentro’ do próprio texto.*

Com base nas noções de metalinguagem implícita e estilo descritas anteriormente, descreveremos aqui brevemente os exemplos de CMs mais representativos: a utilização de letras maiúsculas e a utilização da expressão *Rarará*.

Exemplo 7:

Artigo: Buemba! Quanto quilowatts gasta uma periquita acesa?!

JC 22/05/01

Pra testemunhar o fim da era eletrônica no Brasil. Mas o apagão tem o seu lado positivo: o último a sair nem precisa apagar a luz! O FHC já apagou pela gente! E a melhor definição foi a de um chargista do jornal A tarde, da Bahia: RACIONAUMENTO! Racionamento com aumento!

Como podemos perceber, José Simão utiliza a palavra *racionaumento* com letras maiúsculas: RACIONAMENTO. O jornalista recorre a este recurso estilístico para chamar atenção do leitor para essa palavra, além de explicar o neologismo, *racionamento com aumento*. Esse tipo de comentário implícito é encontrado em praticamente todos os artigos de José Simão. No exemplo seguinte, observamos outro uso de maiúsculas para reforçar o ponto de vista do jornalista e comentar sobre a palavra destacada.

Exemplo 8:

Artigo: Buemba! Tô No Limite do cartão!

JC 06/08/2000

(...) E como disse um outro leitor; a Globo acaba de lançar um novo gênero com esse No Limite: AVENTIRA, aventura de mentira. Rarará. Nós sofre, mas nós goza.

Neste exemplo, observamos o uso de um neologismo formado pelas palavras aventura e mentira, explicadas pelo próprio jornalista, o que caracteriza um CM explícito. O uso de maiúscula reforça o posicionamento crítico contra esse tipo de programa veiculado pela Rede Globo. Ao mesmo tempo, podemos observar a utilização da expressão *Rarará* (ver também nos exemplos 2, 3, 4 e 6) . Estamos considerando essa expressão como metalinguagem implícita, uma vez que revela um comentário implícito sobre o que foi dito anteriormente, ou seja, o jornalista ri de tudo, sobretudo do que ele critica. Desta forma, ele comenta sobre o dito implicitamente.

6. CONCLUSÕES

O estudo dos comentários metadiscursivos explícitos e implícitos, nos artigos de opinião de José Simão, permitiu-nos ver a pertinência da metalinguagem para interpretação dos sentidos nesse gênero textual. Em relação aos CMs, observamos que tanto os comentários explícitos como os implícitos além de comentarem sobre o dito, explicarem um termo ou comentarem o próprio dizer se fazendo, têm a função de ironizar e de argumentar. Vale salientar a importância de analisar, através da metalinguagem implícita, os elementos extralingüísticos, pois, em alguns trabalhos, eles não são considerados como construtores de sentido. Na fala, por exemplo, os gestos, o olhar, o distanciamento entre os interlocutores; na escrita, a fonte de letra, as cores, a diagramação, o negrito, entre outros, contribuem para produzir esses efeitos de sentido. Deste modo, os CMs explícitos e implícitos são constitutivos do estilo dos jornalista analisado e do gênero discursivo artigo de opinião, uma vez que servem para o autor (neste artigo, José Simão)⁶ se posicionar criticamente sobre determinado assunto, revelando suas posições como sujeito.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARABYAN, M. (1999). *Boa idéia: indagações sobre o canal tipográfico na escrita*. In D. Moura (org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió, EDUFAL, pp. 99-102.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1998). *Palavras incertas. As não coincidências do dizer*. Campinas, Editora da Unicamp.
- BAHIA.(1991). *As técnicas do jornalismo: jornal, história e técnica*. São Paulo, Ática.
- BAKTHIN, M.(1990) *Questões de estética e de literatura. A teoria do romance*. São Paulo, Hucitec.
- BORILLO, A. (1985). *Discours ou metadiscours?* DRLAV,32.
- BRÄKLING, Kátia L. (2000). *Trabalhando com o artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro*. In: Roxane Rojo (Org.) *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. Campinas: Mercado de Letras.
- BUNZEN, C. (2001) *Metalinguagem e estilo nos artigos de opinião*. Trabalho apresentado na ABRALIM, Fortaleza (no prelo).
- CUNHA, D.A.C. da . (1999). *A metaenunciação na atividade discursiva falada e escrita*. In: Moura, D (org.). *Os múltiplos Usos da Língua*. Maceió, EDUFAL.
- _____ (1998) *A Metaenunciação na Atividade Discursiva Falada e Escrita*. Projeto Integrado apresentado ao CNPq, Recife (mimeo).
- _____ (2000). *A metaenunciação na atividade discursiva dialogada*. Recife. (mimeo).
- _____ (2002). *O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião*. In: Angela Dionísio, Maria Auxiliadora Bezerra e Ana Rachel Machado (Orgs.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- FRANÇOIS, F (1996). *Práticas do Oral: diálogo, jogo e variações das figuras do sentido*. Tradução brasileira, Carapicuíba, SP: Pró-Fono.
- GAULMYN, M. M. (1987) *Reformulation et planification metadiscursives. Décrire la conversation*, Cosnier et Kebrat-Orecchioni (eds), Presses Universitaires de Lyon.
- GÜLICH, E. (1994) “Commentaires métadiscursives et ‘mise en scène’ de l’élaboration du discours”, In *CAIap*, 12, 29-51.
- MAINGUENEAU, D. (1987). *Novas tendências em análise do discurso*. Editora da Unicamp, Editora Pontes, Campinas.

⁶ Em Bunzen (2001), analisamos a relação entre metalinguagem e estilo nos artigos de Elio Gaspari, chegando a conclusões semelhantes.

- MARCUSCHI, Luiz A. (2000). *Por uma classificação dos gêneros textuais*. Recife (mimeo).
- MELO, S.H.D. de (2000). *Estilo e neutralidade no texto noticioso jornalístico*. Tese de Mestrado: UFPE, Recife.
- MOREL, M. A. (1985). *Etude de quelques réalisations de la fonction métadiscursive dans un corpus d'échanges oraux*. DRLAV, 32.
- POSSENTI, S. (1993). *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo; Martins Fontes.
- _____ (2000). *Metaenunciação: uma questão de interdiscurso e de relevância*. (mimeo)
- SALAZAR-ORVIG, A. (1999) *Les mouvements du discours - style, référence et dialogue dans des entretiens cliniques*. Paris: l'Harmattan.